

**UNIVERSIDADE FEDERAL DE ALAGOAS
FACULDADE DE MEDICINA**

**RENATA STEFANNY ALVES LEITE
VITOR ROMÁRIO FRANÇA SILVA**

**CAPÍTULO: AS FACES DA MORTE NO NORDESTE BRASILEIRO
(DO LIVRO TANATOLOGIA: DESMISTIFICANDO A MORTE E O MORRER)**

**MACEIÓ
2021**

RENATA STEFANNY ALVES LEITE
VITOR ROMÁRIO FRANÇA SILVA

AS FACES DA MORTE NO NORDESTE BRASILEIRO
(CAPÍTULO DO LIVRO TANATOLOGIA: DESMISTIFICANDO A MORTE E O
MORRER)

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado a
coordenação do Curso de Medicina da
Universidade Federal de Alagoas

Orientador: Prof. Dr. Gerson Odilon Pereira

MACEIÓ
2021

TANATOLOGIA

Desmistificando a Morte e o Morrer

———— Gerson Odilon Pereira ————



TANATOLOGIA

DESMISTIFICANDO A
MORTE E O MORRER

TANATOLOGIA

DESMISTIFICANDO A MORTE E O MORRER

GERSON ODILON PEREIRA

Capa

Ana Carolina Vidal Xavier

Foto capa

Death and the miser. Oil painting by Frans II van Francken

Fotolitos/Impressão/Acabamento

Editora e Gráfica Santuário Aparecida

Fone: (12) 3104-2000

Direitos Reservados

Nenhuma parte pode ser duplicada ou reproduzida sem expressa autorização do Editor

sarvier

Sarvier Editora de Livros Médicos Ltda.
Rua dos Chanés 320 – Indianópolis
04087-031 – São Paulo – Brasil
Telefone (11) 5093-6966
sarvier@sarvier.com.br
www.sarvier.com.br

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP) (Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

Pereira, Gerson Odilon

Tanatologia : desmistificando a morte e o morrer /
Gerson Odilon Pereira. -- São Paulo : SARVIER, 2020.

ISBN 978-85-7378-274-5

1. Cuidados paliativos 2. Doentes em fase
terminal – Cuidados 3. Morte – Aspectos filosóficos
4. Morte – Aspectos morais e éticos 5. Morte –
Aspectos psicológicos 6. Morte – Aspectos religiosos
7. Morte – Causas 8. Tanatologia I. Título.

CDD-155.937

19-30764

-612.67

Índices para catálogo sistemático:

1. Tanatologia : Morte : Aspectos psicológicos

155.937

2. Tanatologia : Morte : Ciências médicas 612.67

Cibele Maria Dias – Bibliotecária – CRB-8/9427

Sarvier, 1ª edição, 2020

As Faces da Morte no Nordeste Brasileiro

Rafael Luiz do Rego Silva
Renata Stefanny Alves Leite
Vitor Romário França Silva

INTRODUÇÃO

No livro *Os Sertões*, o autor Euclides da Cunha (1982, p91) afirma: “O Sertanejo é, antes de tudo, um forte”, porém permanentemente fatigado. Pode-se entender que apesar de o homem sertanejo ser representado como uma figura de trabalho e resistência ao longo da história brasileira, ele é considerado uma metonímia do Nordeste brasileiro constantemente “fatigado” por mazelas e carências sociais que culminam no processo de morte. Nesse sentido, a morte em seus aspectos epidemiológicos e literários é um tema de permanente discussão na região.

No que tange às principais causas de morte, a violência tem destaque. “Os dados mostram como a situação é mais grave nos estados do Nordeste e Norte do país, onde se situam as sete UFs com maiores taxas de homicídios por 100 mil habitantes” (*Atlas da Violência*, 2018, p3).

Sabe-se, também, que a falta de acesso à saúde é um tema extremamente relacionado à morte no Nordeste brasileiro. Segundo o Conselho Federal de Medicina (CFM), o número de médicos está abaixo da meta estimada pela Organização Mundial de Saúde (OMS), a qual é de 1 médico para cada 100 mil habitantes (CFM, 2019). A falta de assistencialismo se mostra presente, também, na etiologia das doenças mais prevalentes nessa região, como as infecto-parasitárias e a desnutrição, que, infelizmente, ainda são alarmantes por apresentarem morbimortalidade significativa, traduzindo as necessidades primárias.

MORTE NO NORDESTE BRASILEIRO: POBREZA, SAÚDE E MORTES VIOLENTAS

O Índice de Desenvolvimento Humano (IDH) avalia 3 critérios: o grau de escolaridade, a renda e o nível de saúde. No relatório denominado *Emprego, Desenvolvimento Humano e Trabalho Decente: Uma experiência Brasileira recente de 2008*, os 9 estados do Nordeste foram avaliados como os que possuíam os piores IDH's em comparação ao território nacional no ano de 2005 (ABRAMO, et al, 2008 p.76). Dados do IBGE do ano de 2010 apontaram que 8 dos 9 estados ainda ocupavam as piores posições, estando em melhor colocação o Ceará e em última colocação o estado de Alagoas. (IBGE, 2010)

O primeiro ponto da mortalidade refere-se à relação dos médicos com a região. O número de médicos abaixo da proporção estimada pela OMS, assim como os baixos atendimentos em saúde na região, sobretudo nas áreas interioranas, estão atrelados à renda populacional e portanto à manutenção das estruturas básicas de saúde. Pela ótica capitalista, muito prevalente na medicina, o investimento é proporcional ao lucro, não ao bem estar do indivíduo. Por exemplo, segundo pesquisa publicada pela revista *Época*, entre maio de 2015 e abril de 2016, a carreira médica foi analisada no país e concluiu-se que “a diferença salarial ultrapassa 100% para os profissionais igualmente habilitados atuantes” no Sudeste em relação ao Nordeste do país (ÉPOCA, 2016). Conseqüentemente, a manutenção dos médicos na região Nordeste é problemática e as mazelas de saúde ganham destaque.

As doenças infecto-parasitárias e a desnutrição infantil fazem parte desses destaques. Segundo o DATASUS, dados do Programa de Controle da Esquistossomose apontam que, no ano de 2017, foram notificados, em áreas endêmicas do Nordeste, 13.506 casos, contra 780 casos em regiões endêmicas do Sudeste (DATASUS, 2017). Esse número prova o desdobramento do histórico evidenciado, já que a transmissão da doença tem como meio fundamental a utilização para uso pessoal da água dos rios, muitas vezes, pela falta de acesso à água encanada e saneamento básico em áreas pobres. No entanto, o impacto da doença não se restringe somente à infecção. Os custos financeiros e a mortalidade por complicações também são alarmantes e vergonhosos.

Por sua vez, a mortalidade infantil, tendo a desnutrição como uma das causas, lamentavelmente, ainda é vigente no país. A publicação do Ministério da Saúde de 2009, com o título “Brasil Saúde 2009”, mostrou que, de 1990 a 2000, as mortes na infância decresceram cerca de 50%, um grande avanço. Porém, no ano de 2009, essas mortes ainda eram de 32, 8% na região Nordeste, por causas como: baixo peso ao nascer e déficits imunes devido a desnutrição proteico-calórica (MINISTÉRIO DA SAÚDE, 2009).

Somam-se, por fim, as mortes violentas a essa realidade. O auto Josué de Castro afirma sobre o tema: “Metade da humanidade não come; e a outra metade não dorme, com medo da que não come” (GEOGRAFIA DA FOME, 1980, p.22). Pode-se entender essa fome não apenas como a fome no sentido literal, mas também a fome por educação e saúde, as quais são fundamentais para a subsistência humana. Dessa forma, é possível associar a realidade do Nordeste aos dados oficiais sobre a violência. De acordo com o Anuário Brasileiro de Segurança Pública de 2017, o Nordeste é a região mais perigosa do Brasil no que se refere a morrer por homicídio. Entre os três estados mais perigosos segundo tal documento, dois são do NE: Rio Grande do Norte (RN) e Ceará (CE), que apresentaram respectivamente 68 e 59,1 mortos por 100 mil habitantes, ocupando o RN a primeira posição no ranking (FÓRUM BRASILEIRO DE SEGURANÇA PÚBLICA, 2017). Esses dados, portanto, revelam como a morte no Nordeste é gritante e bem mais presente do que nas demais regiões do país. Dessa forma precisa ser tema contínuo de discussão e busca por soluções.

MORTE NO NORDESTE BRASILEIRO: ARTE E RELIGIÃO

Angústia. Pobreza. Morte. Ao nos depararmos com esta obra de Cândido Portinari – *Os Retirantes*, não há como não perceber a angústia, como não ver a extrema pobreza e como não sentir a iminência da morte. De fato, esse quadro não mostra a morte no Nordeste brasileiro, como é o propósito deste capítulo, mas sim a fuga dessa moléstia. E de tal forma, percebe-se que muito da arte produzida nesse local tem esse cunho. Vamos, então, de agora em diante, tratar



Figura 56-1 – Os Retirantes – Cândido Portinari.

sobre os principais nomes que trouxeram esse tema e ajudaram a construir e fortalecer a representação de morte para o povo nordestino.

O principal autor que cantou a morte, *ou a fuga dela*, no Nordeste brasileiro foi, sem dúvida, João Cabral de Melo Neto com seu livro *Morte e Vida Severina*, escrito em 1953.

– O meu nome é Severino,
como não tenho outro de pia.
Como há muitos Severinos,
que é santo de romaria,
deram então de me chamar
Severino de Maria;
como há muitos Severinos
com mães chamadas Maria,
fiquei sendo o da Maria
do finado Zacarias
Mas isso ainda diz pouco:
há muitos na freguesia,
[...]
Somos muitos Severinos
iguais em tudo na vida:
na mesma cabeça grande
que a custo é que se equilibra,
no mesmo ventre crescido
sobre as mesmas pernas finas

e iguais também porque o sangue,
 que usamos tem pouca tinta.
 E se somos Severinos
 iguais em tudo na vida,
 morremos de morte igual,
 mesma *morte Severina*: (NETO, 1953a, p.2)

Esse livro consegue mostrar como a pobreza e a seca são capazes de retirar a singularidade humana. Mostra como a falta de assistencialismo transforma a morte em algo banal: “se morre de velhice antes dos trinta, de emboscada antes dos vinte, de fome um pouco por dia (de fraqueza e de doença é que a morte Severina ataca em qualquer idade, e até gente não nascida)” (NETO, 1953b, p3).

João Cabral de Melo Neto não só deu voz a uma multidão de marginalizados como faz o leitor sentir-se parte da coletividade de Severinos. Ele trouxe em foco não só mortes Severinas, mas sobretudo imortalizou vidas Severinas.

Essa obra mostra, também, como a morte e a religiosidade são temas que sempre andaram juntos no cotidiano do povo nordestino. Perceba que no título há uma inversão do curso natural do tempo Vida e Morte para Morte e Vida. Isso não é por acaso. Próximo ao término do livro, fica claro o nascimento representativo do menino Jesus, trazendo Severino para a vida, mostrando que a fé é a verdadeira mola mestra que o torna o sertanejo tão forte.

– Seu José, mestre carpina,
 que diferença faria
 se em vez de continuar
 tomasse a melhor saída:
 a de saltar, numa noite,
 fora da ponte e da vida?
 – Compadre José, compadre,
 que na relva estais deitado:
 conversais e não sabeis
 que vosso filho é chegado?
 Estais aí conversando
 em vossa prosa entretida:
 não sabeis que vosso filho
 saltou para dentro da vida?” (NETO, 1953c, p.22-23)

Outro grande marco da literatura que abordou sobre a morte no Nordeste Brasileiro foi o *Auto da Compadecida* escrito por Ariano Suassuna.

Conta a história de João Grilo, um “amarelo” que utiliza a única arma que tem para vencer a seca, a fome e a miséria – sua inteligência. Tal como Severino, João Grilo é um grande representante nordestino da luta diária contra a morte. No auto, mais uma vez temos o exemplo da morte em conjunto com a religiosidade, em que mostra o julgamento final de João Grilo e sua relação de fé e confiança em Nossa Senhora:

“A COMPADECIDA: João foi um pobre como nós, meu filho. Teve de suportar as maiores dificuldades, numa terra seca e pobre como a nossa. Não o condene, deixe João ir para o purgatório.



Figura 56-2 – Filme da obra O Auto da Compadecida – Ariano Suassuna.

JOÃO GRILO: Para o purgatório? Não, não faça isso assim não. (Chamando a Compadecida à parte.) Não repare eu dizer isso mas é que o diabo é muito negociante e com esse povo a gente pede o mais para impressionar. A senhora pede o céu, porque aí o acordo fica mais fácil a respeito do purgatório.

A COMPADECIDA: Isso dá certo lá no sertão, João! Aqui se passa tudo de outro jeito! Que é isso? Não confia mais na sua advogada?

JOÃO GRILO Confio, Nossa Senhora, mas esse camarada enrolando nós dois.

A COMPADECIDA: Deixe comigo. (A Manuel.) Peço-lhe então, muito simplesmente, que não condene João.” (NETO, 1955a, p130-131)

Outro tema bastante importante para sua construção da noção de morte abordado no Auto da Compadecida foi o cangaço. Na peça, durante o julgamento, o autor mostra um pouco de como foi a vida do Cangaceiro que viu a polícia matar toda sua família quando criança e, mesmo depois de todos os seus atos, foi perdoado. Com isso, Ariano mostra que as mortes violentas do Nordeste, lamentavelmente, também são consequência do meio.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

1. CUNHA, Euclides da. Os Sertões. São Paulo: Editora Brasiliense S.A., 1985 LUNA, Jairo. A chave esotérica de Mensagem de Fernando Pessoa. Disponível em: http://www.jayrus.art.br/Apostilas/Academica/Chave_Esoterica_Mensagem_F_Pessoa.pdf Acesso em: 12 mar. 2019
2. MOISES, Massaud. A literatura portuguesa através dos textos. São Paulo: Cultrix, 1968.
3. CERQUEIRA, DANIEL *et al.* Atlas da Violência 2018. Rio de Janeiro: [s. n.], 2018. Atlas. Disponível em: http://www.ipea.gov.br/portal/index.php?option=com_content&view=article&id=33410&Itemid=432. Acesso em: 12 mar. 2019
4. CONSELHO FEDERAL DE MEDICINA. Estatística de médicos ativos na região Nordeste. Brasil, 2019. Disponível em: < http://portal.cfm.org.br/?radioTipoBusca=regiao&estatisticaUF=&estatisticaRegiao=NE&medicosSituacao=&estatisticaSexo=&buscaEfetuada=true&option=com_estatistica.> Acesso em: 8 mar. 2019.
5. IBGE. Censo 2010. Brasil, 2018. Online. Disponível em: <https://censo2010.ibge.gov.br/sinopse/>. Acesso em 10 mar.2019

6. REVISTA ÉPOCA. **Salário pode variar 100% para o mesmo cargo em diferentes regiões do Brasil.** [S. l.], 28 maio 2016. Disponível em: < <https://www.google.com/amp/s/epocanegocios.globo.com/amp/Carreira/noticia/2016/06/mesmos-cargos-tem-salarios-diferentes-dependendo-da-regiao-segundo-pesquisa.html>.> Acesso em: 8 mar. 2019.
7. DATASUS. **Programa de Controle da Esquistossomose.** Brasil, 2017. Disponível em: <http://tabnet.datasus.gov.br/cgi/tabcgi.exe?sinan/pce/cnv/pcebr.def>. Acesso em: 10 mar. 2019
8. CASTRO, Josué de. *Geografia da fome*. p.22. Rio de Janeiro: Antares, 1980.
9. FÓRUM BRASILEIRO DE SEGURANÇA PÚBLICA. **Anuário brasileiro de segurança pública 2017.** Disponível em; http://www.forumseguranca.org.br/wp-content/uploads/2019/01/ANUARIO_11_2017.pdf Acesso em: 8 mar. 2019.
10. SUASSUNA, A. **O auto da Compadecida.** AGIR Recife, 1955.
11. NETO, J. C. de M. **Morte e Vida Severina: Auto de Natal Pernambucano.** Alfaguara, Brasil, 2018.